

A PLATEIA DA CENA TEATRAL: OBJETIVOS PEDAGÓGICOS

Robson Rosseto¹

RESUMO: Este texto abrange os objetivos pedagógicos do ensino do teatro em relação à recepção teatral e suas implicações. A recepção teatral foi examinada por duas perspectivas distintas: quanto à necessidade de instrumentar o educando para o melhor aproveitamento da apreciação teatral e quanto à necessidade de o professor estar qualificado para avaliar a observação/percepção de seus alunos enquanto espectadores.

PALAVRAS-CHAVE: ensino do teatro, recepção, espectador.

THEATRE AUDIENCES: PEDAGOGIC OBJECTIVES

ABSTRACT: *This article addresses the pedagogical goals of theater teaching regarding the theatrical reception and its implications. Theatrical reception was analyzed from two different stances: the first one was related to the necessity to qualify the learner for the best theatrical appreciation and the other one involved the teacher's skills to assess the observation/perception of the students as audience.*

KEYWORDS: *theater teaching; reception; audience.*

Ensinar teatro implica preparar o aluno para interagir com o teatro contemporâneo em nível da produção e da recepção – ir ao teatro, ler e se apropriar de sua linguagem; conseguir incorporar aspectos das concepções cênicas observadas em seu próprio fazer teatral.

O ensino do teatro hoje através da produção – recepção é um aprendizado para focalizar a formação do aluno como espectador.

Historicamente o Teatro Educação desenvolveu-se sem platéia. Tudo o que se aproximasse deste conceito era disfarçado sob outra terminologia ou vestido com objetivos educacionais tais como ‘compartilhar’, ‘trocar’, etc. Entre as razões para esta postura estão a ênfase posta pela educação na ‘experiência’, e a suposição de que o ‘mostrar’ para uma platéia iria interromper a experiência e o envolvimento

¹ Mestre em Teatro pela Universidade Estadual de Santa Catarina, professor do Curso de Licenciatura em Teatro da Faculdade de Artes do Paraná, professor do Curso de Pedagogia da Faculdade Padre João Bagozzi, membro do GT Pedagogia do Teatro & Teatro e Educação da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas - ABRACE.

com o trabalho. Apenas recentemente o papel da plateia está sendo reconsiderado na área, assim como seu potencial na aprendizagem. (CABRAL, 1994, p.64)

Como se nota, na história do ensino do teatro a recepção (apreciar e avaliar) não foi elemento de análise; recentemente passou a ser considerada como um dos focos do ensino porque se percebeu que os dois pólos do ensino – produção e recepção, estão associados, não é possível desenvolver um sem o outro. São procedimentos que tornam o educando um observador crítico e facilitam a aquisição de linguagem apropriada. Ampliam-se as possibilidades de que o espectador se abra para a intervenção dos signos na sua percepção, uma vez que, ao reconhecer ou identificar um sistema de ações, o espectador se sente livre para interagir com ele.

O crescente interesse pela recepção pode ser creditado à tendência das ciências humanas de privilegiar a auto-reflexão e reconhecer a relevância do contexto. Na perspectiva da pedagogia teatral, insere a ênfase no *status* artístico da atividade e reconhece que a relevância educacional da experiência está relacionada com o uso seletivo da linguagem, imagens, símbolos, metáforas e empatia com a situação explorada. (CABRAL, 2006, p.113)

Para tanto, deve haver um equilíbrio entre produção e recepção no trabalho em sala de aula. De acordo com os objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte para o teatro como produto cultural e apreciação estética, ao longo dos terceiro e quarto ciclos (5^a a 8^a séries) do ensino do teatro, espera-se que o aluno seja capaz de realizar a

- Observação, apreciação e análise das diversas manifestações de teatro. As produções e as concepções estéticas.
- Compreensão, apreciação e análise das diferentes manifestações dramatizadas da região.
- Reconhecimento e compreensão das propriedades comunicativas e expressivas das diferentes formas dramatizadas (teatro em palco e em outros espaços, circo, teatro de bonecos, manifestações populares dramatizadas, etc.).
- Identificação das manifestações e produtores em teatro nas diferentes culturas e épocas.
- Pesquisa e leitura de textos dramáticos e de fatos da história do teatro.
- Pesquisa e frequência junto aos grupos de teatro, de manifestação popular e aos espetáculos em sua região.

- Pesquisa e freqüência às fontes de informações, documentação e comunicação presentes em sua região (livros, revistas, vídeos, filmes, fotografias ou qualquer outro tipo de registro em teatro).
- Elaboração de registros pessoais para sistematização das experiências observadas e da documentação consultada. (BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ARTE, 2000, p. 88)

Como se nota, o trabalho em sala de aula deve privilegiar todos os itens acima. Saber ver, apreciar, comentar e fazer juízo crítico devem ser igualmente fomentados na experiência escolar. Esta dimensão da aprendizagem só poderá ocorrer com a vivência do papel de espectador.

A plateia é o membro mais reverenciado do teatro. Sem platéia não há teatro. Cada técnica aprendida pelo ator, cada cortina e plataforma no palco, cada análise feita cuidadosamente pelo diretor, cada cena coordenada é para o deleite da platéia. Eles são nossos convidados, nossos avaliadores e o último elemento na roda que pode então começar a girar. Ela dá significado ao espetáculo. (SPOLIN, 2005, p.11)

No entanto,

[...] há professores que, ao trabalharem com jogo dramático para jovens e adultos, insistem em não dar valor à presença de um público. Torna-se secundária a sua fixação no jogo. Mesmo quando alguns fazem e outros assistem, a platéia não é tomada como um valor intrínseco ao jogo. Daí muitos desanimarem ou não verem nesta atividade algo mais significativo. (CHACRA, 2005, p. 92)

Cabe assim salientar que para se chegar aos objetivos propostos no PCN, em conjunto com as idéias citadas, é imprescindível ver teatro, discutir teatro; estimular a sensibilidade dos alunos, levá-los a freqüentar teatro e tirar suas conclusões a respeito do que viram e fomentar sua capacidade crítica. Para tanto, o professor deverá estar preparado para tais debates e discussões em torno das questões da recepção teatral.

Para entender as implicações da recepção no ensino do teatro, será apresentado e comentado a seguir o resultado de uma análise realizada por Tânia Zagury, filósofa e pesquisadora em educação. A autora realizou um estudo de campo (2002 – 2005) com o objetivo de colher dados concretos sobre o pensamento do professor brasileiro que atua em

sala de aula. Sua pesquisa obteve 1.172 questionários, respondidos por professores de educação infantil ao ensino médio, atuantes em disciplinas diversas, representando 42 cidades brasileiras em 22 estados da federação. Destes professores, 67% professores da rede pública de ensino, 17% da rede particular e 16% trabalhavam em ambas.

As três maiores dificuldades em sala, segundo os professores entrevistados, são: manter a disciplina – 22%, motivar os alunos – 21 % e avaliar – 19%. A priori, a questão da avaliação é que interessa no momento. Pois bem, assim como constata a pesquisa, os professores possuem grandes dificuldades na hora de avaliar o aluno. O resultado demonstra,

[...] claramente que o professor tem consciência da responsabilidade e da dificuldade de avaliar segundo as modernas teorias educacionais. Teme ser injusto ao avaliar qualitativamente, e, ao mesmo tempo, sente-se desconfortável ao avaliar apenas quantitativamente. (ZAGURY, 2006, p. 98)

Nota-se que a preocupação com a avaliação não é privilégio dos educadores das linguagens artísticas, é um desconforto do professorado em geral. No campo das artes, o tema sobre as formas de avaliar o aluno está sempre em pauta nas discussões. No teatro, as implicações de se analisar a recepção, em termos de avaliação, estão no fato de que a recepção permite perceber o entendimento do aluno e não sua reprodução do entendimento do professor. A questão colocada passa a ser “o que o aluno aprendeu” e não “o aluno aprendeu o que o professor ensinou”.

A avaliação qualitativa, de forma geral, é inegável para o ensino do teatro por ser uma área de junção teórica e prática. A avaliação qualitativa verifica os avanços graduais e sucessivos de cada estudante, bem como a dedicação, empenho pessoal na realização de tarefas e o desenvolvimento/aquisição de competências e habilidades.

A avaliação qualitativa para o ensino do teatro, no intuito de medir os avanços individuais, processuais, para qualificar os progressos de um aluno; é muito mais adequado e justo do que fazê-lo apenas através de provas. Mas, na prática, o atual sistema educacional impossibilita muitas vezes o professor avaliar dessa maneira. Por exemplo, o professor que leciona

[...] no segundo segmento do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio em apenas uma escola e ministrando somente uma disciplina (o que é bastante raro na realidade brasileira), teria ao menos cinco turmas com 30 alunos

cada (o que também é raro!), totalizando, na melhor das hipóteses, 150 alunos para avaliar. No entanto, na realidade de hoje, quase todos os professores trabalham em duas ou três escolas. O que significa dobrar ou triplicar o número de alunos. Matematicamente impossível nas condições atuais. Isso caso se deseje fazer avaliação qualitativa de qualidade. (*Ibidem*, p.99)

Visto a comprovação da pesquisadora Zagury, constata-se a problemática enfrentada pelos professores no momento de avaliar, que dialoga em conformidade com a preocupação de trabalhar a recepção do teatro em sala de aula.

Sabendo como o aluno percebeu a cena, o professor poderá interferir explicando melhor a cena ou introduzindo experiências. Dessa maneira, posterior discussão da encenação assistida, de um espetáculo ou das atividades teatrais dentro de sala de aula, o aluno poderá demonstrar, comparar, associar, ressaltar questões pertinentes da cena, na qual o professor conseguirá observar o entendimento e ou as relações artísticas e estéticas comentadas.

Analisa-se a seguir o que rezam os Parâmetros Curriculares Nacionais quanto ao critério de avaliação em teatro referente à recepção teatral. O educando deve,

- Compreender e apreciar as diversas formas de teatro produzidas nas culturas. Com este critério pretende-se avaliar se o aluno é capaz de observar e apreciar as diversas formas de teatro em espaços cênicos distintos (bonecos, sombras, circo, manifestação regional dramatizada, etc.). Se identifica as informações recebidas, assimilando-as como fonte de conhecimento e cultura; se compreende e aprecia as diversas formas de teatro presentes em sua região e em outras culturas épocas, ampliando as capacidades de ver, relacionar, analisar e argumentar. (BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ARTE, 2000, p.99)

Portanto, no plano de ensino do professor de teatro deve estar permeado com trabalhos que possibilitem o desenvolvimento da recepção e crítica. Não há como se chegar a esse objetivo - de abrangência sem limites - sem a vivência em espetáculos teatrais e posterior mediação do professor com os alunos. Além disso, esse mesmo trabalho deve acontecer em sala de aula, nas propostas teatrais do dia-a-dia escolar.

Infelizmente, “por muitas vezes tentamos setorizar o olhar da área de teatro-educação sobre as atividades desenvolvidas em aulas de teatro, pouco envolvendo o teatro enquanto espetáculo nas discussões da área” (BRILHANTE, 2006, p.78). No entanto, sabe-se que é primordial a vivência nesse tipo de experiência para o aumento de conhecimento na área

teatral, bem como essa atividade faz parte do crescimento individual e coletivo como um todo, pois,

O mecanismo de construção do conhecimento é um jogo dialético entre o que é sentido/vivido e o que é simbolizado. Garantir um lugar para a arte no processo educativo, partindo do que o educando já conhece e do que para ele é relevante, é um modo de ampliar as possibilidades de formação de um ser capaz de organizar percepções, classificando e relacionando eventos, construindo, com todas as suas capacidades, um todo significativo. (FARIAS, 1999, p.69)

Além disso, é importante salientar a preocupação que as instituições de ensino devem ter ao escolher um espetáculo teatral para seus alunos, pois se deve verificar a qualidade artística e textual dos espetáculos direcionados ao público das escolas, com o fim de analisar a proposta de uma encenação para as distintas faixas etárias. Entretanto, outros problemas se destacam: o primeiro é sobre os critérios que a escola estabelece para escolher um espetáculo, o segundo, sobre a periodicidade que a instituição oportuniza para seus alunos assistirem a uma produção espetacular. Nota-se que,

[...] a especificidade da recepção de um espetáculo teatral e a qualidade estética de tais produtos raramente têm sido postas em questão neste intercâmbio entre a escola e as artes cênicas. Geralmente, o teatro coloca-se a serviço da escola por meio de conteúdos veiculados em cena, ao invés de a escola o considerar uma linguagem humana legítima e ancestral, comunicação e arte, unidas na efemeridade da cena. (FERREIRA, 2006, p. 14)

Uma entrevista concedida pela arte-educadora Leticia Guimarães (1962)² esclarece os atuais entraves da relação das companhias teatrais com as instituições de ensino na cidade de Curitiba:

A comunicação com a escola é uma das primeiras barreiras que a gente tem. A gente tem visto ao longo desses anos, uma falta de critério avaliativo das escolas na hora de contratar um espetáculo. Os critérios avaliativos são: Quanto custa? O preço é o primeiro critério, e evidentemente o mais barato é o que vai ser mais apropriado para a

² Arte-educadora, atriz, diretora e produtora teatral; há vinte anos trabalha no teatro profissional, sendo que há dez anos, trabalha especificamente com produção profissional de teatro para crianças. Sócia-proprietária da Companhia do Abraço (2001), espaço que oferece cursos de teatro e dança, se especializou na pesquisa e na produção teatral de teatro para crianças na cidade de Curitiba.

escola. É o que as escolas estão buscando. O segundo critério se a peça é conhecida, se ela faz parte de alguma mídia, se ela é da Disney, por exemplo. Se há um apelo comercial. Evidentemente existem exceções, inclusive escolas mais bem preparadas, que pedem indicação para avaliarmos se um espetáculo vale a pena ou não, mesmo que não seja nosso.³

Além de o preço ser o critério mais comum para as instituições optarem por um espetáculo, constata Leticia, ainda há o agravante de que “no cronograma escolar, em geral, consta assistir a uma peça teatral por ano ou a uma por semestre. Tal critério já está muito formatado e está muito aquém do que a gente espera”⁴. Por certo, ao considerar as raras ocasiões que os educandos vivenciam como espectadores as encenações teatrais, esses pontos são fundamentais para serem observados e discutidos no âmbito educacional. Sem dúvidas,

O calendário escolar deve prever momentos de apreciação estética, procurando contemplar diversos tipos de manifestação cultural, mas é função do professor participar da seleção dos eventos a serem oferecidos às crianças. Tais oportunidades não podem ser escolhidas aleatoriamente, pois que exigem a adoção de critérios, tais como a qualidade estética e a adequação à faixa etária das crianças. Cabe ao professor, assistir os espetáculos e selecionar o mais adequado aos seus alunos (podendo contar com a indicação de um professor especializado do teatro). (SANTOS, 2004, p. 116)

Mediante o quadro/mercado atual de “compra e venda” de espetáculos, companhias teatrais e instituições de ensino travam “lutas” e esquecem a primordial importância que a formação do espectador traz. Destaca-se a notoriedade de

Educar o espectador para que não se contente em ser apenas o receptáculo de um discurso que lhe proponha um silêncio passivo. A formação do olhar e a aquisição de instrumentos lingüísticos capacitam o espectador para o diálogo que se estabelece nas salas de espetáculo, além de lhe fornecer instrumentos para enfrentar o duelo que se trava no dia-a-dia. (DESGRANGES, 2003, p.288)

³ Entrevista concedida por Leticia Guimarães para o pesquisador no dia quatro de março do ano de 2007 na cidade de Curitiba.

⁴ *Idem.*

Ora, é tarefa do educador “abrir” o olhar do educando para perceber e apreciar o fazer teatral, o espectador deve conhecer regras da linguagem teatral e ter acesso à teoria e suas implicações para melhor entender o mecanismo de um determinado espetáculo.

Assim, o ensino do teatro não fica somente restrito às salas de aula, especialmente por se tratar de uma área de conhecimento que precisa necessariamente considerar as diversidades culturais e artísticas do país, que precisa reconhecer e trabalhar com as manifestações artísticas significativas em cada contexto escolar determinado. Bem como, o trabalho de recepção deve abordar:

[...]diversas possibilidades de leitura de espetáculo; propostas de atividades; textos de referência; análise da dramaturgia; dados biográficos sobre o dramaturgo, o encenador, os atores, o cenógrafo; glossário; sugestões de bibliografia para pesquisa da História do Teatro e outros que visam mapear possibilidades de leitura do espetáculo.⁵

O aluno deve ser estimulado a vivenciar, analisar e compartilhar sentimentos e experiências teatrais, pois expondo coletivamente suas dúvidas, acertos, progressos e descobertas, proporcionará um crescimento não só pessoal, mas de todo grupo envolvido nesse processo. Deve ser estimulado a expor suas idéias, ouvir e respeitar as idéias dos outros, discutir e trocar experiências.

Ademais, cabe salientar que grande parte do professorado trabalha com diversas barreiras em seu ofício. A pesquisadora Carmem Lúcia Abadie Biasoli investigou a prática pedagógica em arte⁶ e apontou alguns elementos importantes a serem mencionados.

Percorrendo a trajetória da arte e de seu ensino, percebi que a herança do século XIX ainda persiste. A arte, um trabalho manual rechaçado pela classe dominante ou um acessório cultural de refinamento da elite intelectual, encontra, ainda hoje, lugar no fazer artístico ou no saber intelectual. Fato evidenciado nos depoimentos dos professores e alunos investigados, quando aparecem, quase sempre, como principais entraves para a realização de um efetivo ensino da arte: a *desvalorização* da arte e do professor de arte no contexto escolar, a utilização da arte como objetivo de auxiliar outras áreas do currículo e de animar festas comemorativas, a

⁵KOUDELA, Ingrid. A Nova Proposta de Ensino do Teatro. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/ingrid/site/index.htm>> Acesso em: 25 maio 2008.

⁶A pesquisa investigou sete professores que ministram disciplinas do Curso de Licenciatura plena em Educação Artística, e sessenta e quatro alunos do 2º semestre do referido curso do Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal de Pelotas. Os instrumentos da pesquisa foram questionários, entrevistas e observações em sala de aula no período de setembro do ano de 1996 a janeiro do ano de 1997.

polivalência na formação do professor, a grande diversidade de conteúdos que dificulta a obtenção de maior qualidade em cada um, a falta de espaço físico e a precariedade de recursos materiais. (BIASOLI, 2004, p. 194, grifo do autor)

A pesquisadora apresenta elementos que dificultam o trabalho do professor em sala de aula. Nota-se que os problemas assinalados são específicos do ensino das artes, não citando nessa abordagem questões, por exemplo, da indisciplina em sala de aula, dos critérios para a avaliação, das metodologias, dentre outras questões pertencentes a outras disciplinas curriculares também. São dificuldades, exclusivas, enfrentadas diariamente pelos educadores de artes. Apesar disso, o esforço por parte dos próprios professores para perpetuar a qualidade do ensino da arte nas escolas parece resistir a tais entraves. “Nas salas de aula, professores sobrevivem com o que têm e podem fazer, enfrentando a ausência de condições mínimas que lhes dariam prazer e engajamento para realizar sua parte na formação educacional e, neste caso, na sua formação cultural e artística”. (TOURINHO, 2003, p. 29)

Ainda,

A maioria das escolas da rede pública, e muitas da rede particular também, ainda não possuem sala de artes, nem espaço físico para ensaios. Como, então, ensaiar com mais ou menos trinta e cinco alunos dentro da sala, sendo que eles são normalmente divididos em grupos, falando de diferentes assuntos e maneiras? A solução está em ir para fora da sala, usando o espaço da escola (enquanto eles ainda existem) para os ensaios, de maneira a não *atrapalhar* tanto os outros professores e nem o bom andamento das outras atividades escolares. (SOUZA, 2005, p. 95, grifo do autor)

Apesar das dificuldades decorrentes dos professores em trabalhar a linguagem teatral, e o agravante de ordem institucional enfrentado pelo professor, se faz necessário o estudo e a reflexão acerca dos fundamentos do ensino do teatro para uma melhor visualização pertencente à recepção. A leitura do educando é fator preponderante para a avaliação da cena, por isso não pode ser deixado à margem.

Expandindo o repertório receptivo, os alunos descobrem maiores oportunidades para demonstrarem o que sabem. É certo que as alternativas metodológicas para o exercício da recepção existem, por exemplo, os questionários⁷. O questionário pode contribuir no sentido

⁷ Consultar PAVIS, Patrice. *A análise dos espetáculos*. São Paulo: Perspectiva, 2003. (Coleção Estudos, 196) O autor aborda de maneira detalhada sua proposta de questionário para o trabalho com a recepção, além de comentar os questionários de Anne Ubersfeld e André Helbo.

de especificar o que o espetáculo propôs e obter do aluno sua percepção em relação à cena, oferecendo ao professor parâmetros para discutir a recepção. Sem dúvida, o processo de captar a recepção precisa estar vinculada a um processo metodológico.

A partir do momento que o aluno se posiciona, ao responder o questionário, ele está atuando, criticamente, de acordo com a sua percepção. Obviamente, tal percepção advém do acervo pessoal, culturalmente aprendido. De um modo geral, o potencial do uso de um questionário permite explicitar a concepção da encenação e a intertextualidade presente no palco, e o que caracteriza o trabalho do encenador de um determinado espetáculo, e as formas distintas de recepção demonstradas pelos alunos.

De regra, os resultados do questionário apontam para reafirmar a importância da recepção no ensino do teatro, no sentido de legitimar as diferentes leituras do aluno; sendo o questionário mais um instrumento metodológico para auxiliar o professor no trabalho com a recepção no âmbito educacional. Por certo, as respostas de um questionário poderão contribuir no entendimento sobre as múltiplas percepções do público como forma de abrir as possibilidades de interpretação e leitura do espetáculo.

As informações aqui colocadas evidenciam a importância de se ter educadores habilitados na linguagem teatral, pois o trabalho com o teatro, sob o prisma dos conceitos éticos, estéticos e pedagógicos que emergem ao redor do ensino escolar dessa linguagem artística, poderá não ter efeito diante da formação não específica de muitos professores que lecionam o teatro.

Entende-se que o ensino do teatro necessita de uma melhor capacitação para os professores, onde sejam consideradas as necessidades da recepção, oferecendo a eles uma formação mais completa com respaldo metodológico para avaliar a cena, de forma a gerar maiores conhecimentos sobre a recepção do espetáculo e das atividades em sala de aula, uma vez que o teatro sem o espectador não pode ser caracterizado como tal.

REFERÊNCIAS

BIASOLI, Carmem Lúcia Abadie. *A formação do professor de arte: do ensaio... à encenação*. 2.ed. Campinas: Papirus, 2004. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico)

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: Arte/ Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRILHANTE, André. O Conhecimento em Jogo no Teatro para Crianças. In: TAVARES, Renan (org.). *Entre coxias e recreios: recortes da produção carioca sobre o ensino do teatro*. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2006.

CABRAL, Beatriz Angela Vieira. Ler em Teatro: Implicações Pedagógicas. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 4., 2006, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 113-114.

_____. *Towards a reader-oriented assessment in drama education*. Inglaterra, University of Central England, 1994. Tese de doutorado.

CHACRA, Sandra. *Natureza e sentido da improvisação teatral*. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Coleção Debates, 183)

DESGRANGES, Flávio. A pedagogia do espectador: algumas anotações. In: III CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 3., 2003, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina - IOESC, 2003. p. 288-289.

FARIAS, Sérgio Coelho Borges. Arte-Educação, um processo educacional. *Coletâneas PPG/ Programa de Pós-Graduação em Educação*, Salvador, v.1, n.1, p. 56-72, jan./jun. 1999.

FERREIRA, Taís. *A escola no teatro e o teatro na escola*. Porto Alegre: Mediação, 2006. (Coleção Educação e Arte; v.6)

GUIMARÃES, Leticia. Entrevista gravada concedida a Robson Rosseto. Curitiba, 04 mar. 2007.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *A Nova Proposta de Ensino do Teatro*. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/ingrid/site/index.htm>> Acesso em: 25 maio 2008.

PAVIS, Patrice. *A Análise dos Espetáculos*. São Paulo: Perspectiva, 2003. (Coleção Estudos, 196)

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. *Brincadeira e conhecimento do faz-de-conta à representação teatral*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004. (Cadernos Educação e Arte, 1)

SOUZA, Janaína de. O Teatro como instrumento pedagógico. In: III JORNADA PEDAGÓGICA NACIONAL DO SINPRO, 3., 2005, Itajaí.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o Teatro*. Trad. Ingrid Dormien Koudela. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Coleção Estudos, 62)

TOURINHO, Irene. Transformações no ensino da arte: algumas questões para reflexão conjunta. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ZAGURY, Tânia. *O professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2006.